

UM ÚLTIMO SUSPIRO DO EXISTENCIALISMO

Oswaldo Dalberio

Faculdades Integradas de Uberaba

Mestrando em Educação – UNICAMP

Licenciado em Filosofia – PUCAMP

Ao falarmos em existencialismo, temos a necessidade de embrenharmo-nos campo da existência onde proliferam todos os fenômenos do estar-aí. No entanto, o que significa estar aí? É possuir um corpo? E nesse corpo detectar a essência – que é o fundamento primordial – e a aparência – aquilo que nos vem aos sentidos? E o homem, como se posiciona dentro do rol de alternativas existenciais?

Inicialmente devemos pensar um pouco a respeito de filosofia, sabendo-se que, o tema proposto em estudo, faz parte ou é um galho da “árvore filosofia”. Quem tem a possibilidade de fazer reflexões acerca de algo (determinado ou não) é o homem cujas características o fazem existente, na medida em que aja sobre os fatos dando-lhes conotações ou conceitos claros e preciosos (?). Então se é a capacidade de re-flexionar sobre alguma coisa, que proporciona extrair o que há de mais profundo no fenômeno, deve-se colocá-lo às claras para que outros também o possam perceber. O homem é responsável por esse “revelar-se” da essência. Quando falamos desse aspecto referimo-nos ao simples fato de ser, à característica de perceber passiva ou ativamente os fenômenos, do homem. Só ele é capaz de ver, não no sentido de tê-los a sua frente, mas de poder observá-los, de entendê-los, de até possivelmente recriá-los, conforme seus interesses particulares. Isso porque os animais não conseguem entendê-los e explicá-los, usando-os simplesmente para sobrevivência, enquanto o homem, na maioria dos casos, usa os fenômenos para que estes se adaptem a ele, dando-lhe maior estabilidade em viver. É o caso específico de um rio: os animais vão até suas margens, tomam a água necessária à sobrevivência, pegam os peixes possíveis, abrigam-se nas margens; por outro lado, o homem modifica o curso do rio para construir em sua margem uma cidade, uma indústria, utilizando a força natural das águas para extrair energia, que conseqüentemente fará iluminar a cidade e fazer movimentar as máquinas fabricantes de insumos químicos artificiais, jogando o lixo no rio e destruindo vegetações, animais (fauna e flora)...

Desta relação do homem com o seu meio queremos afirmar que só existe entre corpos. Claro está, que não pode, o homem, ficar isolado, mas ligado de alguma forma a outros corpos. São os outros corpos que o fazem assumir um corpo determinado pela forma. Aqui coloca-se

que o corpo está para outros corpos, em outras palavras, corpo é corpo à procura de outros corpos. Agora, cada corpo possui sua subjetividade — essência — que não se isola, mas, pelo contrário, dirige-se a; vai ao encontro de; é o revelar-se para.

Também devemos destacar a categoria própria da análise existencialista em que o corpo ocupa um espaço. Afinal, o que é o espaço? É a morada, o *locus* da essência que se manifesta, assumindo uma forma própria; no caso podemos caracterizá-lo como sendo o fenômeno. É aquilo pelo qual o corpo assume, através da existência um lugar onde possa se instalar como aparência. As dimensões que comportam o corpo são as mesmas que o espaço deixa para serem ocupadas. Daí o fato da existência do corpo ser em algum lugar, em um determinado espaço, com determinada aparência.

Encontramos em Sartre que “o corpo de outrem é mascarado com o disfarce dos movimentos” isso nos diz da linguagem pela qual nos comunicamos, ou fazemos nosso ser, mascarado, se comunicar, se revelar. A linguagem nada mais é que uma tentativa de não deixar a carne, que somos nós, se manifestar. A carne está camuflada pela maneira como entramos em contato com outros corpos. O que é o desejo senão a tentativa, da própria carne, em desnudar o corpo de seus movimentos? A carícia é o fazer aparecer no corpo a carne escondida pelos gestos. Meu corpo, portanto de carne, é que faz nascer o corpo de carne de outrem. Daí então, a existência só poder ocupar seu espaço, na medida em que há ligação com o outro ser que também possui a existência. Uma pedra só é pedra por causa das outras pedras e dos outros corpos que fazem parte de um conjunto de corpos. O homem só é homem entre outros corpos mas com uma diferença: através de sua razão, pode, e freqüentemente tem consciência de sua existência e conseqüentemente de sua essência.

Aqui nos parece que é hora de indagar: é o corpo que possui o homem ou é o homem que possui o corpo?

Quando falamos anteriormente sobre essência, dissemos que ela se manifesta através do corpo. Isso é verdade. E como ela entra no corpo? Para a análise existencialista, no caso humano especificamente, o corpo antes existe, depois a essência vai se formando. O pai do existencialismo Jean Paul Sartre, define a existência precedendo a essência.

Se partirmos do fato de que o corpo existe por causa, e não apesar da essência, então nesse enfoque diremos: o corpo possui o homem, cuja essência está ligada de alguma forma a um criador anterior a ele, no caso, Deus. Nesse aspecto, o homem nada mais é que uma **determinação** pré-estabelecida, ou seja, será aquilo que seu criador lhe desejou no ato da criação. Mais ainda, o corpo comporta uma ou algumas características que o definem como sustentáculo de essência; e nesse sentido não há alter-

nativa senão existir em função de algo que não escolheu. É o fatalismo predominado.

Nessa reflexão, tendo como parâmetro um criador, o homem não comporta angústia, pois possui uma segurança; carrega em sua estadia — no — mundo a presença da força divina, e isso lhe proporciona um sabor em viver, acreditando na continuidade após a sua morte. Não acredita portanto, no Nada da existência, ou seja, no fim último que o homem busca, ou caminha inevitavelmente para ele.

Enquanto, desse lado, constatamos a existência tendo sentido porque a essência já aparece assim que o corpo toma forma na fecundação dos seres vivos, do outro lado, encontramos a existência primeiro, depois a essência.

Se o homem possui o seu corpo diremos então: uma vez que o homem faz parte de toda uma natureza humana, só se torna homem possuindo um conjunto de órgãos que é seu corpo. O corpo nada mais é que uma existência comportadora de essência a se fazer. A humanidade do homem está para se realizar através de seus atos eminentemente de escolha. Só se torna homem em seu corpo, na medida em que escolhe onde e como se estruturará sua essência. Dando ênfase ao fato de que tenha obrigação de escolher, está o homem em constante angústia. O próprio fato de estar-aí já é motivo suficiente da presença da angústia. Isto se refere à existência precedendo à essência, pois o futuro do homem é ele quem faz, através de suas constantes elaborações e reelaborações do cotidiano. Não está ainda formada a maneira de ser, está sim, em busca e, essa busca, gera um desconforto, sabendo que tudo está em suas mãos para ser decidido. Nada está já pré-estabelecido ou pré-elaborado.

Todavia, não possuindo uma segurança em um criador, força necessariamente então, ser dono de seu próprio caminho, pelo fato de não ter segurança da presença de um ser sobrenatural (Deus). O homem então, é jogado na angústia do fim, sabe-se que terá o fim e o fim é o Nada. Mas a angústia não está centralizada exclusivamente no fim, mas tão somente, no agora, no viver aí, no estar aqui. É o ter que escolher, entre várias alternativas, uma que melhor lhe convém. Essa sedimentação existencial vai se dando ao longo de atos e relações de corpos. Nesse aspecto o corpo é, evidentemente, um resultado biológico no qual o homem incorpora sua humanidade. Sartre, falando em humanidade, elucida o fato de que todo homem incorpora todos os outros da mesma espécie, no caso humanos; daí ser seu ato de liberdade com responsabilidade.

Vivendo a angústia em nossa vida, fazemos vir a nós a sensação de fim de existência. O fim, no caso a morte, é o ponto fundamental pelo qual escolhemos os nossos atos. O Nada, nada mais é, que a presença desse fim em ato. É aí que o corpo exala sua existência e com ele também o homem que ele comporta. Perde-se a possibilidade da essência se fazer

ainda um pouco; já não mais há angústia, pois é o Nada que assume seu papel enquanto existência. O Nada é a ausência de algo, segundo M. Heidegger. Parafraseando esse autor, podemos dizer: o nada é a ausência de corpo e, não obstante, de essência.

Se a essência também desaparece, o que fica então? É a lembrança do todo (corpo e essência) através da manifestação dos gestos. Se todo ato deve envolver toda a humanidade, é óbvio que esse envolvimento formula uma certa ligação afetiva, de prazer ou ao contrário, desprazer. Não há nem céu, nem inferno e muito menos purgatório: Isso é que sustenta a existência sem angústia. Uma vez que o homem é efetivamente ser de angústia então não há possibilidade de permanência nessa crença. Daí existir, simplesmente, a lembrança daquele que foi uma existência, agora não mais é presença. Isto porque, na medida que correm os dias, a lembrança também vai diminuindo, vez ou outra é que se aflora.

Pode-se dizer então que a essência é o vir-a-ser, enquanto a existência é esse vir-a-ser em ato. O que significa dizer o mesmo do fenômeno, ou seja, a forma que tem o corpo é a maneira própria da essência se manifestar. Equivale dizer do homem como fazer-se. A cada dia o homem já não é o mesmo de antes. Esse fazer-se é o movimento que encobre a carne que deseja se expressar. Isso não determina que a existência esteja já elaborada, pois, se a cada momento se perdem e se adquirem elementos, seja por escolha ou não, é a maneira de cada essência individual deixar-se revelar. É justamente o conjunto desse vir-a-ser, dessa existência, desse movimento, desse revelar-se que juntos formam o fenômeno. O fenômeno é, portanto, aquilo que nos vem aos sentidos.

Pode-se, então, indagar: Deus não é um fenômeno? É, para quem possui o elemento fé. Pois, ele não é percebido senão no campo de crença, de religiosidade. Tomando como referência Sartre, temos: "... É muito incomodativo que Deus não exista, porque desaparece com ele toda a possibilidade de achar valores num céu inteligível"¹, portanto, é lamentável que Deus não exista, pois, se ele realmente existisse, o homem não experimentaria a angústia do estar-aí.

No texto "Entre quatro paredes" em que Sartre fala sobre a relação de que os outros são o inferno, trabalha toda a problemática vivida no conflito com outros, ou seja, não podemos ser totalmente livres porque, na medida em que entramos em contato com outro humano, ele nos tolhe, nos proíbe de agir, porque todos os nossos atos devem estar conjugados com a maneira de ser do outro. Se eu existo, meu corpo é, apenas com o aparecimento de outro que temos a revelação do nosso ser objeto. O outro existe enquanto sujeito, na formação de sua essência, porque o mundo que o cerca é o objeto. Os corpos diferentes do seu é que o fazem ser corpo no espaço determinado. "Para obter uma verdade qualquer sobre mim, ne-

cessário é que eu passe pelo outro"². É justamente esse outro que nos coloca em angústia, isso porque todos os nossos atos são em relação a ele. Portanto o outro é o empecilho de nossa liberdade.

Sabemos que hoje há uma grande dificuldade em entender a essência do homem, visto que, é reconhecendo dentro das máquinas como máquina "é, por aquilo que produz". Mas não só é ele máquina, principalmente, dentro do mundo matematizado, é também um composto matemático. Se se pergunta qual a sua identidade, logo se apresentam alguns números. É isso que o define como homem. O importante é ser reconhecido numericamente, pois se torna um tanto mais fácil de se identificar. E a essência? Como se pode falar dela? Daí termos hoje uma não atenção ao humano, mas à numerologia que se elenca em torno do indivíduo. A exemplo temos: número de Identidade, de CPF, de Carteira de Trabalho, Título de Eleitor, PIS-PASEP, etc., etc. Sem contar que na escola temos um número, no local de trabalho temos um número e uma classificação, na rua onde moramos temos números. Podemos então dizer que a essência pregada pelo existencialismo é tomada pela numeração hodierna. Mas como podemos escolher um número que nos identifique? Tão logo passamos a existir já nos dão como presente uma data de nascimento: são números...

Se o homem é, antes de mais nada, um projeto que se vive subjetivamente; será antes de mais nada o que tiver projetado ser. Como, então, poderá ele se colocar como aquele responsável pelo projeto que não projetou?

Aqui o existencialismo explica da seguinte forma: há universalidade de todo projeto no sentido de que todo o projeto é compreensível por todo homem. É justamente aí que o homem deve assumir sua condição de homem, pois "ele é não apenas como se concebe ou que o fizeram conceber, mas como ele quer que seja, como ele se concebe depois da existência, como se deseja após este impulso para a existência; o homem não é mais que o que ele faz."³ Nesse sentido é ele também capaz de escolher aquilo que é bom, pois, assim sendo, escolhe aquilo que é o Bem que também o é para todos os homens. Daí assumir a sua humanidade, juntamente com todos os outros.

Pelo fato de estar o homem condenado a ser livre, sabendo que não criou a si próprio e uma vez jogado no mundo, é eminentemente responsável por tudo o que fizer, inclusive seu projeto de homem. Por isso não o é sozinho, mas todos o são também, da mesma forma que ele. Tendo de agir de tal forma que tudo que fizer implique na liberdade de outro, mesmo sabendo que este outro é um empecilho à liberdade. É dentro desse impasse que "um homem nada mais é do que uma série de empreendimentos, de que ele é a soma, a organização, o conjunto das relações que constituem estes empreendimentos"⁴. Portanto, o homem é o futuro do

homem, uma vez que não há humanidade sem haver liberdade individual, dentro de um coletivo; e aí assume o papel de ser sempre sujeito.

A liberdade só pode ser tomada como um fim se tomada igualmente à dos outros como um fim. Daí dizerem, os existencialistas, que o homem nunca deve ser tomado como fim, porque ele está sempre por se fazer.

Tentamos dizer nesta reflexão que o homem se faz dentro dos parâmetros escolhidos, levando em conta não só a liberdade que é sua, mas a dos outros; que a existência precede a essência e que houve desvios na interpretação da condição humana, principalmente hodiernamente.

É justamente aí que sentimos a necessidade de recuperar o homem integral, ou seja, aquele possuidor de um corpo de carne querendo se manifestar dentro das intempéries existenciais. Ser dono de seu projeto de homem, e não meramente executor de projetos pré-elaborados pelo meio social (escola, Igreja, Família, etc.). O homem moderno não sente, ou não tem tempo de sentir, que deveria ser uma questão de preferência, para se colocar frente a frente com sua essência. Não se percebe existente. É o corre-corre em busca daquilo que não queria que fosse seu projeto de construção de essência. O homem está se desumanizando a cada dia. Há de se cuidar e muito rápido, pois ao contrário não mais poderá ter o sabor de existir com essência...

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- SARTRE, J. P. **Entre quatro paredes**. Trad. de Guilherme de Almeida. SP, Abril Cultural, 1977.
- SARTRE, J. P. **Sartre no Brasil: A conferência de Araraquara**. Ed. Bilingüe. RJ, Paz e Terra, SP, Unesp, 1986.
- SARTRE, J. P. **O Existencialismo é Um Humanismo**. Trad. de Vergílio Ferreira. 2ª ed. Lisboa, Editorial Presença.
- GILES, Thomas Ransom. **História do Existencialismo e da Fenomenologia**. SP, EPU/EDUSP, 1975.
- CHATELET, François. **História da Filosofia: Idéias e Doutrinas**. 2ª ed. RJ. Zahar, 1982. (v. 8: o séc. XX).
- BEAUFRET, Jean. **Introdução às Filosofias da Existência**. SP, Duas Cidades, 1976 (séries universidade: 7).

NOTAS

- (1) SARTRE, J. P. **O Existencialismo é um Humanismo**, pág. 253.
- (2) SARTRE, J. P. *ibid.*, pág. 275.
- (3) SARTRE, J. P. *ibid.*, pág. 242.
- (4) SARTRE, J. P. *ibid.*, pág. 269.